

## A Música no Romantismo

**grupo 2, turma LEJ**

**Alice Costa Popoivre Gomes, Gustavo de Souza Montes e Karine Garcia Carneiro**

Um movimento artístico não é um fato isolado. Ele está associado às transformações ocorridas na sociedade da época. Seja no campo da pintura, da escultura, da literatura ou até mesmo da música, os autores retratam em suas obras o que toma conta do contexto social no qual estão inseridos. E com o Romantismo não foi diferente. As obras românticas mostram em suas composições as conseqüências das Revoluções que se espalharam por toda a Europa no final do século XVIII.

O Romantismo surge nessa época em oposição à era da razão que tomou conta de todo esse século, espalhando-se pelo mundo até o final do século XIX. Ele tem como o seu principal direcionamento a subjetividade. O berço do Romantismo pode ser considerado três países: Itália, Alemanha e Inglaterra. Porém, na França, o Romantismo ganha força como em nenhum outro país e, através dos artistas franceses, os ideais românticos espalham-se pela Europa e pela América.

O espírito romântico passa a designar toda uma visão de mundo centrada no indivíduo. Os autores românticos voltaram-se cada vez mais para si mesmos, retratando o drama humano, amores trágicos, ideais utópicos e desejos de escapismo. Enquanto o Classicismo focava na simetria, na proporção, no controle e no equilíbrio das formas, o Romantismo apresenta formas muito mais livres. No Romantismo o direito à liberdade de expressão era exigido, não se dando mais ênfase à contenção. A classe responsável por patrocinar os artistas não era mais a aristocracia, mas a nova classe média.

O Romantismo surge na literatura quando os escritores trocam o mecenato aristocrático pelo editor, precisando assim cativar um público leitor. Esse público estará entre os pequenos burgueses, que não estavam ligados aos valores literários clássicos e, por isso, apreciariam mais a emoção do que a sutileza das formas do período anterior. Essas características podem ser observadas na linguagem usada pelos escritores românticos, assim como nas novas técnicas usadas na música durante o período romântico. Em lugar da bem cuidada sintaxe clássica e das composições de métrica fixa, os românticos preferiram uma linguagem mais coloquial, comunicativa e simples, criando ritmos novos e variando as formas métricas. Essa liberdade de expressão é uma das

características típicas do Romantismo e constitui um aspecto importante para a evolução da literatura ocidental.

A prova de que os diferentes veículos artísticos estavam vinculados era o fato de que muitos compositores românticos buscavam sempre ler um livro e tinham grande interesse pelas outras artes, relacionando-se com escritores e pintores. Não era raro alguma composição romântica ter como fonte de inspiração um quadro visto ou um livro lido pelo compositor. Weber e Wagner foram atraídos por lendas do Norte europeu; Schumann pela pseudofilosófica literatura romântica de sua época; Chopin por Mickiewicz; Berlioz por Shakespeare; Liszt pelo contemporâneo poeta romântico Lamartine e por vários pintores românticos da França. Assim como na literatura, a música procurava se desligar da arte do passado pondo-se mais ao alcance da nova classe social em ascensão, a burguesia, e invadindo as salas de concerto, conquistando um novo público ávido de uma nova estética.

Essa estética apresenta uma música caracterizada pela presença marcante e intensa da emoção ao passo que a forma se tornou mais livre e os tons mais ricos. Permanecendo principalmente tonal, a música do Romantismo está mais cromática, a estrutura melódica foi mantida periódica, mas a estrutura frasal menos regular. Encontra-se, ao longo desse período, uma música mais poética do que abstrata, mais melódica do que harmônica e mais orgânica do que mosaica. O movimento de uma sonata nas mãos de um compositor romântico é apresentado como uma série de episódios pitorescos sem nenhuma ligação ou unidade formal.

A música, mais precisamente a ópera, incorporava temas de fantasia e lendas medievais. Os românticos distanciaram-se dos valores prevaletentes durante a Idade da Razão. A consequência natural era que se interessassem pelo irracional, pelo macabro, sendo a loucura, o horror e o sobrenatural temas comuns. Na música, essa influência pode ser observada, por exemplo, na Sinfonia Fantástica (1830), de Berlioz, na qual o compositor evoca uma série de alucinações induzidas pelo ópio.

A Revolução Industrial trouxe benefícios econômicos para toda Europa. Esses benefícios acarretaram em vantagens significativas para os músicos. Além disso, houve um alargamento da educação e um crescimento das classes profissionais que resultaram em um novo público. Os virtuosos eram os reais beneficiários. Com seu virtuosismo buscavam expressar os seus sentimentos desenfreados de paixão, ódio e loucura.

Esse tipo de virtuosismo foi estimulado também pelos avanços técnicos na construção de instrumentos musicais, em especial o piano. Isso encorajou os músicos a tornarem-se mais ousados em suas composições. A dificuldade técnica de muitas peças

transformou-as em exclusivas dos executantes mais especializados, elitizando a música, fazendo distinção entre os diferentes níveis de público ouvinte.

Surgiu uma divisão semelhante na escala da produção musical. Por um lado, obras mais curtas, para serem tocadas por poucos músicos, para ouvintes seletos, no ambiente íntimo dos salões: a música de câmara. Por outro lado, o tamanho da orquestra foi aumentando gradualmente, a fim de satisfazer os efeitos opulentos da sinfonia romântica.

A música ao longo de todo o período romântico não esteve imune às mudanças encaradas pela sociedade. A subjetividade e o foco voltado para as questões do indivíduo marcaram todo esse movimento artístico. Na música, vemos isso através de seqüências menos harmoniosas ou através dos tons mais sombrios buscados como inspiração. Agora, cultua-se muito mais o que se tem de abstrato na subjetividade do artista criador, ou seja, o conteúdo emocional que pode ser encontrado em cada obra, e não mais a forma racional e simétrica que dominou toda uma era.

## **BIBLIOGRAFIA**

STANLEY, John. Música Clássica. São Paulo: Editora Livros & Livros, 1994

<http://www.dorak.info/music/romantic.html>. Consulta: 12/09/2009.

<http://www.suapesquisa.com/romantismo/romantismo.html>. Consulta: 12/09/2009.